

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

A construção do feminino na visão de Gilberto Freyre

ADJANE BARROS FERREIRA

*Aluna do Curso de Graduação em Ciências Sociais
CCHLA - UFPb
Bolsista PIBIC/CNPq/UFPb*

TÂNIA VALÉRIA DE OLIVEIRA CUSTÓDIO

*Aluna do Curso de Graduação em Ciências Sociais
CCHLA - UFPb*

A Gilberto Freyre (...)

*a linha negra do leite
coagulando-se sem doçura;
as rezas à luz do azeite;
o sexo na cama escura;
(...)*

Carlos Drummond de Andrade

INTRODUÇÃO

Neste trabalho não pretendemos fazer apologias as mulheres, mas analisar o papel social feminino dentro do contexto social estudado por Gilberto Freyre. Para tanto, utilizaremos a abordagem adotada pelo autor nas suas obras: **Casa Grande & Senzala**, **Sobrados e Mucambos** e **Modos de Homem e Modas de Mulher**. Sob o olhar analítico do autor, enfocaremos as questões por ele utilizadas nestes estudos, que servirão como base fundamental neste ensaio antropológico.

Questões que, até então, foram deixadas “de lado”, por serem consideradas irrelevantes aos estudos sociológicos e antropológicos até recentemente. Não se pretende colocar a mulher como mera coadjuvante, nem tão pouco, engrandecer sua ação social, de tal maneira, que esta venha a ser considerada uma heroína. O que pretendemos é analisar o perfil do comportamento feminino por ele estudado.

Portanto, queremos mostrar como Gilberto Freyre percebia o comportamento feminino desde os séculos XVI até o XX e como sua análise foi capaz de constituir novos costumes, normas, e valores, na sociedade vigente. Em suma, não podemos deixar de dar ênfase a questões tão bem colocadas e analisadas pelo autor, por isto, buscaremos mostrar de maneira clara e objetiva o posicionamento defendido por Gilberto Freyre.

A MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Em sua obra **Casa-Grande & Senzala**, Gilberto Freyre examinou a estrutura patriarcal da família brasileira, revelando a vida social na intimidade e identificando as raízes de uma tradição brasileira que dura até hoje, embora de forma modificada. O patriarcalismo constituiu um modelo universalmente adotado (o Brasil já o herdou dos colonizadores portugueses) de colocar o homem no

comando, domínio de seu clã, sua prole, sujeitando a mulher a seus caprichos e mandos. Era assim o costume português, e aqui achou, literalmente falando, uma terra fértil para continuar esta prática: latifúndios, homem branco desbravador, mulher branca para continuar a família, negras para o prazer carnal e índia que antes das negras eram a diversão dos homens brancos, mas que ensinaram muitas técnicas de agricultura, e escravos negros, estrutura monocultora para exportação. Eis aí a origem patriarcal brasileira:

"A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida e influenciado pelas crendices da senzala." (1936: 25).

Contudo, a mulher vista por Freyre não é apenas um figurante na História da formação do Brasil, ao contrário uma participante ativa de todos os momentos mas que, diante à tradição histórica patriarcal fortalecida pelas letras bíblicas, a participação fica encoberta ou muitas vezes é assumidas apenas por homens. Para a sociedade da época, a mulher tinha função secundária e sem importância. Gilberto Freyre trata este tema e o trabalha com uma visão diferente, revelando a importância da presença feminina na estrutura brasileira. A começar pelas índias, que foram as primeiras mulheres encontradas pelos homens branco na América e que se "serviram" delas para suas aventuras sexuais. Mas após acostumarem-se com a nudez dos índios e principalmente das índias, a Igreja reage e condena as fofocações com as índias, a não ser que estas se tornem cristãs, então se organiza uma sociedade cristã na sua superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, e tomadas por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida domésticas de muitas das tradições, experiências e utensílios da sua gente, que já vivia nesta terra.

Vale salientar, que a união dos europeus com as índias, vinha servir às poderosas razões do Estado, no sentido do rápido povoamento de nossa terra. Foi através desta união que se fundou e desenvolveu-se o grosso da sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, em um longo e profundo mestiçamento, coube portanto, a interferência dos padres da Companhia, salvar e resolver toda libertinagem, para que regularizar-se o casamento cristão.

A história da formação social brasileira está marcada, pelos contatos das raças chamadas superiores com as consideradas inferiores. O conquistador, ou seja, o vencedor impõe ao povo submetido a sua cultura moral, maciça, sem que este tenha como se impor.

Entres os índios havia uma divisão sexual do trabalho, tanto no campo, como dentro de casa, as mulheres cabiam as tarefas domésticas como: a fabricação de redes de fio de algodão, farinha de mandioca, vasilhas de barro, entre outros, aos homens cabiam as tarefas como: fabricação de arcos e flechas instrumentos de música, construção de oca, canoas, entre outros. O autor destaca, que do ponto de vista da organização agrária, da qual se estabilizou a colonização portuguesa no Brasil, maior foi a utilidade social e econômica da mulher indígena que do homem. Foi fundamental a contribuição da mulher indígena na formação do Brasil, principalmente, no que se refere ao corpo, ao oferecer-se ao branco, a trabalho doméstico. A mulher índia teve o principal valor econômico e técnico. Coube a partir daí, a atividade agrícola e industrial desenvolver-se quase sempre pela mulher.

Para a mulher branca a função era gerar descendentes brancos, puros e dar continuidade ao seu nome e família, eram mulheres bem jovens e, em sua maioria despreparadas tanto fisicamente (a maioria morria de parto, e as que sobreviviam não tinham leite para seus filhos, sendo por isso usadas as negras da senzala como

amas-de-leite), quanto psicologicamente para tornarem-se mães e donas de casa, onde seus maridos sempre eram bem mais velhos. As mulheres resistiam pela força, e tornavam-se duras e fortes, enquanto os homens, sexo forte, ficavam com a parte econômica e "motriz" do engenho, à mulher cabia o comando do engenho, organização de trabalhos, educação dos filhos e mantimentos. As mulheres brancas eram criadas com cuidados e mimos que as deixavam fisicamente mais fracas, de modo que aos 25 ou 30 anos tinham a aparência de velhas, passando despercebido as grandes diferenças de idades entre elas e seus maridos. Sabiam mandar, e isto faziam bem. Já as negras tinham uma estrutura física completamente diferente das brancas: o trabalho no campo as deixavam fortes e resistentes, a própria cor favoreciam a resistência da mulher negra. Estas foram escolhidas pelos brancos para as aventuras sexuais e fantasias, o cheiro da negra ativava a libido do homem branco, e este via nela o sexo sem obrigações ou responsabilidades o amor livre. Eram as negras que garantiam as virtudes das mulheres brancas de "família", resultando destas uniões os filhos naturais, uma raça miscigenada, forte por excelência. Para Freyre, a miscigenação resultou na formação de pessoas mais fortes. Com esses argumentos Gilberto Freire tenta explicar de que forma negros, índios e brancos se misturaram para formar a sociedade brasileira, concebendo suas características étnicas. Abuso de uma raça sobre a outra, reflexo do regime escravocrata. Os escravos nessa concepção se misturam não por prazer, mas para cumprir as ordens do seu dono. As escravas que proporcionavam as noites de prazer dos homens brancos, geralmente eram obrigadas a obedecer ao seu dono, refletindo o sistema social e econômico em que despertava desde cedo a vontade de possuir.

A MULHER NA SOCIEDADE SEMIPATRIARCAL

Em sua obra **Sobrados e Mucambos** Gilberto Freyre estuda os processos de subordinação e, simultaneamente, os de acomodação de uma raça à outra, de uma classe em relação à outra, além de estudar as várias religiões e tradições culturais que se caracterizaram a partir da formação patriarcal nos fins do século XVII.

Como foi analisado anteriormente em Casa Grande & Senzala, o sistema casa-grande-senzala, destaca alguns pontos essenciais como: acomodação - do escravo ao senhor, do preto ao branco, do filho ao pai, da mulher ao marido. Já adaptado o homem ao meio físico - casa, "a paisagem social", começa a se modificar talvez superando o sistema inicial e segundo o autor:

"Quando a paisagem social começa a se alterar, entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanizarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quase a quartos de criados, as moças namorando das janelas para rua, as aldeias de mucambos, os "quadros", os cortiços crescendo ao lado dos sobrados, mas quase sem se comunicarem com eles, os xangôs se diferenciando mais da religião Católica do que nos engenhos e nas fazendas, aquela acomodação quebrou-se e nova relação de subordinação, novas distâncias sociais, entre o branco e a gente de cor, entre a casa grande e a casa pequena. (...) Entre a dona de casa e a mulher da rua" (1933: 12).

De acordo com Gilberto Freyre, podemos dizer que uma nova organização social se forma no seio da sociedade brasileira, um modelo social se instala reforçando a organização anterior. Ao homem cabia uma certa situação social, o gozo da liberdade, ao contrário da mulher, que se conservava dentro de casa, ou no fundo do sítio, quando muito lhe era permitido a "liberdade" de olhar para rua da varanda, no postigo, no palanque do muro ou na grade do jardim.

A dona de casa que saísse na rua para fazer compras corria o risco de ser comparada à mulher pública. A "reclusão" destinada à mulher era tão grande, que

quem não seguisse as normas era confundida com a "Mme Durocher - uma virago, uma mulher - homem, vestindo-se de sobrecasaca, calçando-se com botinas de homem - foi uma das primeiras mulheres a andarem a pé pelas ruas do Rio de Janeiro; e causou escândalo" (1933: 13).

O regime patriarcal fez com que houvesse uma forte separação do homem em relação à mulher, ao homem se deu um caráter de sexo forte, à mulher o fraco, ele o sexo nobre e ela o belo. A beleza da mulher no sistema patriarcal, ganhou um aspecto mórbido, de um lado a menina de tipo franzino, quase doente, e do outro lado, a senhora "*gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas*" (1933: 125). Nada do tipo, corajosa, ágil equiparando-se à figura do rapaz.

E segundo o autor, este "modelo" pode ter explicações econômicas, este tipo de mulher, afasta a possível competição da mulher no domínio econômico e político, contrapondo com o modelo exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarcal. Deste modo, a exploração da mulher pelo homem é também característica de outros tipos de sociedades ou de organização social, mas precisamente do tipo patriarcal-agrário. Diz ainda o autor que este tipo de diferenciação, justifica o chamado padrão duplo de moralidade, ao homem é dado o pleno gozo da liberdade física do amor e, altamente limitado o da mulher a ir para cama com o esposo, toda noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado de dever, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. Sendo esta "totalmente" proibida de "certos" desejos sexuais.

Este padrão duplo de moralidade, característica deste sistema, dá oportunidade e iniciativas aos homens, seja ação social, de contato diverso, totalmente oposto a oportunidade da mulher, para ela está reservado o serviço e às artes domésticas, aos cuidados dos filhos, a parentelas, as amas, as velhas, os escravos.

Como pudemos analisar a extrema qualificação da mulher como "belo sexo" e "sexo frágil", fez da mulher brasileira um ser artificial, mórbido, uma doente, deformada no corpo para ser a "escrava" do homem e, ao mesmo tempo, a boneca de carne do esposo. Mesmo sendo este estereótipo aceito e reforçado, podemos ressaltar que tinham mulheres que fugiam a este padrão, sobretudo, senhoras de engenho, que mostraram sua energia social e, não simplesmente doméstica. Energia que segundo o autor foi "*imprescindível como a administradora da fazenda, como as 'Donas Joaquinhas do Pompeu'; energia para dirigir a política partidária da família, em toda região, como as Donas Franciscas do Rio Formoso; energia guerreira, como a das matronas pernambucanas que se distinguiram durante a guerra contra os holandeses, não só nas duas marchas, para as Alagoas e para a Bahia, pelo meio das matas e atravessando rios fundos, como em Tejucupapo, onde é tradição que elas lutaram bravamente contra os hereges*" (1933: 127).

Tais mulheres deram a verdadeira mostra de que a mulher tem uma extraordinária capacidade de ação, além de se mostrarem capazes de exercerem o mando patriarcal, equiparando-se até mesmo a o vigor masculino, desmistificando o modelo construído pela sociedade do período. Conforme afirma Freyre:

"De um modo geral, o homem foi, dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel, militante e renovado; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais investidor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e mais integralizador" (1933: 134).

Com já foi citado anteriormente, este modelo de tipo físico e moral da mulher, como criatura franzina, neurótica e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocratas, resultante de fatores econômicos, sociais e culturais, que a

reprimiram, amoleceram, acentuando-lhes os arredondamentos das formas, para melhor adequar os interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre a dominação exclusiva de uma classe, de uma raça e de um sexo.

A MULHER NA SOCIEDADE ATUAL

Seguindo a mesma linha do autor, neste último momento, analisaremos sua visão a respeito do perfil feminino no mundo atual em **Modos de Homens e Modas de Mulher**, onde busca estudar a beleza do homem e a beleza da mulher, os modos e modas dos indivíduos sociais no século atual. Segundo Freyre, as expressões "*homens de bons modos*", "*homens de modos finos*", modo neste caso corresponde à maneira de ser, feições, ou formas particulares, artes e comedimentos próprios de homem bem educado, o homem requintado no seu comportamento no seu meio, civilizado, instruído. Destaca que "*Modo e moda tendem a confluir a serviço do ser humano. Mas sem perderem essências de características que fazem, de um, expressão de masculinidade e de moda; da outra, expressão mais de feminilidade do que de masculinidade*" (1997,p.12).

Baseado nesta visão, o homem vem sendo até certo ponto, favorecido pelas circunstâncias, um criador de modos de ser, de agir, decidir, pensar e construir, do que a mulher, ser superior na criação de modas, de vestir, de criar filho, de ser religiosa, de pentear-se, de calçar-se, de cozinhar, não devendo subestimar o valor representado pelas modas.

Sendo assim, a moda aparece como uso, hábito ou estilo, geralmente aceito e reforçado pelo determinado gosto, idéia, capricho ou mesmo pelas influências do meio. Já o modo, aparece como maneira, feição, jeito, sistema, prática, método, estado, situação, educação, prudência, habilidade, ou seja, um processo de regras e valores impostos pela sociedade como forma de aculturação.

Portanto, a moda se apresenta como uma expressão ou um complemento de beleza, de elegância, de físico, de característica e personalidade feminina mais do que masculina como explica Gilberto:

"Ao seu traje, ao seu penteado, ao seu calçado, ao seu adorno de cabeça, de rosto, de orelhas, de pescoço, de seios, de braços, de mãos, de pés e do próprio sexo, tão diferenciados do masculino na apresentação, na decoração, na caracterização das formas femininas de corpo mais ligadas à moda" (1987:18).

A nova concepção de feminilidade estudada pelo autor, traz uma considerável repercussão sobre modas de mulher, ressalta que em certos casos há uma tendência que não vem sendo apenas estética, como também ética. Esta nova concepção vem correspondendo a uma nova ética nas relações entre os sexos, pois há uma nova moralidade no comportamento sexual, tanto de um sexo, quanto do outro, esta nova relação vem dando maior independência à mulher.

Devido a este novo modelo, é compreensível entender a liberdade do traje, em modas, tanto masculina como femininas, estas adaptações que estão ocorrendo são devidos à crescente adequação da moda brasileira as situações climáticas do país, é necessário adapta a moda ao clima tropical do Brasil. Uma nova consciência permitiu à mulher brasileira seguir modas adaptadas à contextos predominantemente tropicais, em vez de seguir grotescamente as modas européias ou norte-americanas.

E para o autor, "*adaptações desta espécie vêm correspondendo à nova adaptação da mulher a papéis sociais outrora exclusivamente masculinas, sem perda do essencial de sua feminilidade*" (1987: 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então podemos afirmar que a mulher na História do Brasil teve e tem um papel importante na visão crítica de Gilberto Freyre. Vivendo em um mundo movido pela economia, qualquer concorrência é vista como perigo, então para o homem, a mulher era um perigo, e a melhor forma de apagar seu papel era submetê-la, ela sexo frágil, ao homem, sexo forte, de função pensante e decisória. A mulher não podia falar sem permissão de seu marido, dono e senhor, não participava de política ou economia. A ela cabiam os filhos e a casa. Mas percebe-se entre uma linha e outra na escrita do autor, nestes seus livros, abordados que a mulher sempre participou de modo ativo na vida social, política e econômica brasileira, conversando com seus maridos, comentando e aconselhando, mas os homens assumiam as decisões como suas; mas na atualidade esta resolve sair dos bastidores e assumir seu lugar. O primeiro passo é masculinizar suas vestes e ser vista como forte e racional e não como delicada e preparada apenas para costuras e bordados.

Nota sobre o autor

Gilberto de Melo Freyre nasceu no Recife, em 1900, filho do prof. Alfredo Freyre e de D. Francisca de Melo Freyre. Realizou seus primeiros estudos com professores particulares, posteriormente, completou os estudos secundários no Colégio Americano Gilreath, do Recife, aos dezessete anos. Logo seguiu para os Estados Unidos, onde obteve na Universidade de Baylor (Waco, Texas), o grau de bacharel em Artes Liberais, especializando-se em Ciências Políticas e Sociais. Foi para Universidade de Columbia (Nova York) onde realizou estudos de pós-graduação em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais. Com um currículo vasto, Gilberto Freyre considerava-se um escritor com treino sistematicamente sociológico e antropológico. Publicou vários livros. Faleceu no Recife, aos 87 anos, a 18 de julho de 1987. Muitos autores elogiaram e elogiam Gilberto Freyre, entre eles João Guimarães Rosa, que disse: João Guimarães Rosa disse: "*Gilberto Freyre, homem de espírito e ciência. Sistematizador, descobridor, grande crítico: e artista. Sabe ver, achar, pensar, inventar e pôr a reviver, remexer, experimentar, interpretar, alumiar, animar, influir, irradiar, criar. Mestre. Mas seu estilo – macio e falador, à vontade e imediato, exato e espaçoso, limpo e público, embebecido de tudo e tão eficazmente embebedor, - já, por si, daria para obrigar a nossa admiração.*"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. (1933). **Casa Grande & Senzala**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. (1936). **Sobrados e Mucambos**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975.

_____. (1987). **Modos de Homem e Modas de Mulher**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.